



Mr. Reader no Brasil: processos de hibridismo cultural em torno da Copa do Mundo de 1950

Raphael Alberti Nóbrega
de Oliveira¹

Mr. Reader in Brazil:
processes of cultural
hybridity around the
1950 World Cup

¹ Graduado em História pela UFRJ e mestrando em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV - RJ. E-mail: raphalberti@gmail.com

Resumo:

Artigo que retrata a passagem do árbitro de futebol George Reader pelo Brasil entre 1948 e 1950 e os processos de hibridização cultural que ocorreu ao longo desse período da (na) cultura futebolística sul-americana. A análise destas trocas culturais tem como contexto histórico os reflexos do fracasso da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, passando pela vinda de árbitros ingleses para apitar jogos nos campos de futebol do Brasil no final da década de 1940 e termina com a arbitragem de George Reader na Copa do Mundo de 1950. Os intercâmbios culturais no estilo de jogo e na forma de interpretar as regras futebolísticas afetaram gradativamente tanto os juizes de futebol britânicos como os atletas brasileiros gerando um debate jornalístico intenso na crônica esportiva carioca.

Palavras-chave: hibridismo; futebol; cultura.

Abstract:

This article portrays the passage of football referee George Reader by Brazil between 1948 and 1950 and the processes of cultural hybridization that occurred throughout this period of the South American football culture. The analysis of these cultural exchanges has as a historical context the reflexes of the failure of the Brazilian team in the 1938 World Cup, passing by the English referees to whistle games on the soccer fields of Brazil in the late 1940s and ends with the arbitration of George Reader at the 1950 World Cup. Cultural exchanges in the style of play and in the way of interpreting football rules have gradually affected both British football judges and Brazilian athletes generating an intense journalistic discussion in the sporting chronicle of Rio de Janeiro.

Key words: hybridism; football; culture.

Introdução

Esta pesquisa visa compreender os processos de hibridização cultural decorrentes da vinda do juiz George Reader ao Brasil no final da década de 40 e início da década de 50 e suas respectivas consequências para Mr. Reader e os jogadores, dirigentes e imprensa no país. Como metodologia utilizarei majoritariamente o trabalho de (BURKE, 2008) e um ponto específico de (CANCLINI, 2011) no âmbito das interações entre culturas pretendendo elucidar os englobamentos da cultura europeia no futebol sul-americano e vice-versa.

As etapas e reações ao hibridismo cultural serão abordadas, como as evidências de que ao longo desses dois anos da passagem de Mr. Reader no país, a forma de entender o futebol dos latinos irá, aos poucos, se inserindo no árbitro inglês.

A análise sociológica e historiográfica dos acontecimentos esportivos que envolveram Mr. Reader, as equipes brasileiras de futebol e a própria seleção brasileira serão referenciados pelos trabalhos consagrados de Mário Filho (FILHO, 2003) e Leonardo Affonso de Miranda Pereira (PEREIRA, 2000). Neles constam os relatos da crônica esportiva especializada do país e do exterior.

1938 como aprendizado

Brasil, junho de 1938. O cenário era uma mistura de revolta, frustração e orgulho. Após uma boa campanha na fase inicial da Copa do Mundo, o Brasil encarava a Itália pelas semifinais da competição. Uma vitória o colocaria na primeira final de sua história e o povo brasileiro ansioso por este momento acompanhava o jogo pelos rádios no país.

Um lance marcaria este jogo para sempre: o pênalti cometido por Domingos da Guia no italiano Piola que geraria o segundo gol da Azzurra na vitória contra os brasileiros por 2x1. Envoltos em muita polêmica, Piola caía na área e esfriava a reação brasileira naquele jogo. Jornais de Paris¹ relataram que Piola claramente se jogara, buscando ludibriar o juiz suíço Hans Wüthrich. Domingos da Guia concedeu dois depoimentos distintos sobre o ocorrido: para o jornalista inglês Aidan Hamilton² disse ter apenas revidado ao pisão no tornozelo que levava de Piola anteriormente. Já à Tv Cultura, alegou ter sido um choque natural de jogo e se surpreendeu com a marcação de pênalti naquele momento crítico da partida.

A emoção que a transmissão de rádio brasileira passava para seus cidadãos da injustiça cometida naquele campo futebolístico em Marselha gerou mobilização. Diversas

¹ “Existe uma só mancha no puro cristal do futebol praticado por Silvio Piola. É uma certa tendência a dissimulação. Em Marselha, quando recebeu os golpes do grande Domingos, Piola atirou-se ao solo para obter um pênalti a favor da sua equipe”. Football, 17 de junho de 1938

² HAMILTON, Aidan. Divino Mestre. 1ª edição. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

peças foram às ruas protestar contra aquele lance que decidiu a trajetória da equipe no campeonato mais importante de futebol do mundo. Mesmo sem visualizarem o lance, pois naquela época não existia televisores, os adeptos brasileiros estavam convictos que a penalidade máxima não ocorreria (PEREIRA, L.A.M, 2000. p.338-39). Por desconhecimento da regra, a imprensa brasileira e os torcedores acreditavam que pelo fato da bola estar fora de jogo, seria “um despropósito, absurdo ou má fé” (PEREIRA, 2000. p. 339.) apitar falta, já que a protagonista do jogo estava fora das quatro linhas. Mesmo assim, a conquista do terceiro lugar trouxe um sentimento de orgulho aos brasileiros que mesmo sem o troféu, acreditavam que a seleção era a melhor equipe do mundo. Em tempos de Estado Novo, era a confirmação do surgimento de um novo homem, superior ao europeu devido à miscigenação com outras raças.

Preparativos para a Copa de 1950: arbitragem inglesa no Brasil

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) impediu que a próxima Copa do Mundo fosse realizada em 1942 e 1946, só retornando a ser jogada em 1950, no Brasil. O país se preparou para a realização da maior das copas, até então, e para isso construiu o maior estádio do planeta: o Maracanã, no Rio de Janeiro que poderia abrigar 200 mil pessoas em suas instalações.

Querendo evitar o fracasso de 1938, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) acertou excursões de alguns times ingleses para enfrentar equipes locais em jogos apitados por árbitros da Inglaterra. A ideia era que os atletas se adaptassem ao modo de arbitragem europeia. Se Domingos da Guia soubesse que faltas poderiam ser marcadas mesmo a bola estando fora de jogo, talvez não chegasse de forma tão ríspida na jogada que definiu a disputa para os italianos. Como todos os selecionáveis³ jogavam no país, precisavam deste intercâmbio cultural.

Uma figura específica marcou estas duas fases de 1948 e 1950. O árbitro de futebol George Reader, mais conhecido como Mr. Reader, foi o encarregado de apitar alguns jogos da passagem do Southampton, equipe inglesa da segunda divisão, pelos gramados brasileiros contra as principais equipes do Rio de Janeiro e São Paulo. Mr. Reader, como veremos, será o símbolo da hibridização cultural entre brasileiros e europeus no que diz respeito à interpretação das regras e no *ethos* futebolístico sul-americano imbricando no seu modo de apitar um jogo.

Entendo como hibridismo cultural um processo multilateral de fusão cultural feito por duas sociedades ou indivíduos de grupos distintos que tenham um convívio contínuo por um tempo considerável. É uma troca entre o nativo e estrangeiro e não processo de imposição cultural de um grupo ou indivíduo sobre o outro, mais associado ao termo aculturação. Perceberemos que os desportistas brasileiros incorporaram ações e ideias dos

³ A seleção brasileira era um combinado de jogadores de times paulistas e cariocas, exceto Zezé Procópio que jogava no Atlético-MG.

bretões, assim como em alguns cenários o juiz inglês vê seus critérios de arbitragem europeia relegada em prol da forma de praticar o futebol nos campos sul-americanos. Peter Burke enfatizou essa multiplicidade de influências relatando que: “Devemos ver as formas híbridas como resultado de encontros múltiplos e não como resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura” (BURKE, 2008. p. 31).

Imediatamente, no primeiro jogo do Southampton no Brasil, contra o Fluminense, já se observava o choque entre maneiras diferentes de entendimento do jogo, para o europeu e os brasileiros. Orlando “Pingo de Ouro”, atacante do Fluminense, ao tentar dominar uma bola deixara-a esbarrar em sua mão. Instantaneamente, não deu prosseguimento a jogada esperando que o juiz bretão marcasse a infração de mão na bola e concedesse uma cobrança de falta ao Southampton. Mr. Reader mandou a jogada seguir e Orlando marcou um dos quatro gols do Fluminense, que venceria a partida por 4x0. A interpretação do lance feita por Mr. Reader era que houve “bola na mão” e não “mão na bola”, ou seja, Orlando não teve a intenção de tocar com a mão, a bola, por isso, a jogada deveria prosseguir. (FILHO, 2003. p. 275). Mário afirma que por quase 50 anos, o brasileiro jogou futebol achando que qualquer toque da bola na mão, mesmo que involuntário, seria sempre uma ilegalidade.

Mr. Reader ficou encantado pela *mea culpa* que os jogadores brasileiros faziam nas vezes em que tocavam a mão na bola, se confessando automaticamente. O que lhe rendeu essa declaração de entusiasmo: “Foi o jogo mais limpo que vi na minha vida. Os jogadores brasileiros são esportistas”⁴ (FILHO, 2003. p. 276). Na mente de George Reader, o brasileiro tinha tamanha atitude por honestidade e integridade que marcava um autêntico atleta com espírito esportivo, visando um jogo limpo, na bola, sem descambar para a violência. Entretanto, não passava de uma análise equivocada. No Brasil, admitia-se a bola na mão ao árbitro por desconhecimento da regra. Por desconsiderar o caráter interpretativo da regra que tinha o juiz.

George Reader foi um divisor de águas para a análise das regras do futebol para o Brasil, por isso, poucos dias depois da vitória do Fluminense contra o Southampton, a Federação Metropolitana de Futebol⁵ trouxe mais juizes da Inglaterra para o Campeonato Carioca. Vieram para o país os árbitros Dundas, Barrick, Devine, Ford e Lowe. Foi internalizado que independentemente do ímpeto, se o jogador acertasse a bola numa jogada, mesmo que em um carrinho, não seria apitada a falta. Os bandeirinhas poderiam ficar em frente à linha de *off-side*⁶ e traçar uma diagonal imaginária entre eles, se colocando em lados opostos das laterais do campo, para não precisarem correr de um lado para o outro a todo o momento e aplicarem as regras do impedimento com correção. Além disso, pela primeira vez no Brasil as camisas levavam números nas suas costas, configurando um exemplo de imitação cultural da ideologia burkeana.

⁴ Atual FERJ.

⁵ Impedimento.

Ainda estava no início o processo de intercâmbio cultural entre juízes ingleses e futebolistas brasileiros. Como o hibridismo não estava consolidado em um e em outro, gerava polêmicas nas partidas pós-1948 nos campos brasileiros. Antes das controvérsias surgirem, o técnico do Fluminense Ondino Vieira já manifestava sua preocupação com a diferença de critérios entre sul-americanos e europeus em uma fala a um jornal carioca: “Aqui no Rio, como em Buenos Aires e Montevideu marca-se sistematicamente a bola que um jogador tira de sola, à altura do peito do adversário [mesmo que] não seja atingido” (DIÁRIO DA NOITE, 13/05/1948).

Os árbitros ingleses não marcavam faltas em jogadas grosseiras como pontapés dados no rosto de um atleta, pois não desconfiavam que alguém propositadamente poderia fazer uma ação tão temerária ao praticar um esporte. Sendo assim, acreditavam que a única explicação para aquele ato seria obra do acaso. Já um puxão de camisa era punido de forma imediata, como clara e manifesta vontade de retardar o jogo para o seu próprio benefício.

Em alguns casos, o jogador brasileiro caía imóvel depois de um choque com o adversário e causava preocupação dos juízes ingleses. Assim que era marcada a falta, levantava-se rapidamente como se nenhum contato tivesse acontecido. Essa “catimba” brasileira/sul-americana irritava os árbitros europeus que expulsavam o jogador que agisse dessa forma. Somente após algumas partidas a hibridização cultural foi sendo incorporada para que os mediadores ingleses do jogo adquirissem um olhar refinado capaz de julgar se o atleta estava fazendo “cera”⁷ ou não.

Com o jogo muito corrido, e poucas marcações de falta em ações como as trombadas, os árbitros ingleses foram sendo criticados pelos principais clubes cariocas. Por causa de “falta de brasilidade” e alguns problemas de lesões, os juízes ingleses não apitaram a final do Campeonato Carioca de 1948 entre Botafogo e Vasco da Gama, deixando a função para o brasileiro Mário Vianna. Vieram para resolver o problema crônico de arbitragem no Brasil e acabaram retornando a Europa, antes de apitar o jogo mais importante da Federação que os convidara. Em 1949, apitaram o campeonato estadual, mas continuaram sendo contestados pela mídia fluminense pela falta de coibição a jogadas violentas.

Mr. Reader e a final da Copa

O Brasil estreou na Copa do Mundo de 1950 com uma vitória de 4x0 sobre o México, no Maracanã. Os gols foram marcados por Baltazar, Jair Rosa Pinto e Ademir Menezes (2 vezes). Mr. Reader apitou a partida e além de aparecer na capa do Jornal dos Sports do dia seguinte, em meio à troca de gentilezas dos capitães das duas equipes, foi bastante elogiado pela imprensa fluminense:

Magnífico Mr. Reader! Preciso o árbitro britânico. O maior elogio que se pode fazer a arbitragem de Mr. Reader é de que quase não teve

⁷ Ato de simular uma agressão que não houve.

conhecimento de sua presença no campo. De fato, o juiz inglês marcou as faltas com absoluta precisão, não havendo a menor restrição a se fazer quanto a seu desempenho. De uma feita foi vaiado em face de um arremesso lateral que favoreceu a equipe mexicana. Ainda aí sua indecisão foi incontestável, porque o couro bateu de fato no pé de Bigode. (JORNAL DOS SPORTS, 25 de junho de 1950).

Após duas vitórias e um empate na primeira fase da competição, o Brasil entrou arrasador no quadrangular final goleando a Suécia por 7x1 e a Espanha por 6x1. A imprensa espanhola chegou a caracterizar a peleja como a maior exibição de uma equipe de futebol na história, já que em 10 minutos o Brasil já vencia por 3x0 (FILHO, 2003. p. 282). Havia um clima de grande euforia durante a Copa do Mundo de 1950 no Brasil. Não só a torcida manifestava uma confiança exacerbada no time, como a imprensa e dirigentes.

Na véspera da partida final contra o Uruguai, os jogadores foram chamados às pressas para o Salão Nobre de São Januário, onde estavam concentrados, para tirarem fotos com candidatos a vereador, deputado e senador do Rio de Janeiro. Os políticos desejavam associar suas imagens a futura seleção campeã do mundo (FILHO, 2003. p.283). Alguns jornais já se antecipavam e davam o título a seleção anfitriã, antes da partida se iniciar.

Até mesmo a seleção uruguaia se enxergava em uma situação delicada, admitindo a superioridade da equipe brasileira. Sendo assim, surgiram informações, confirmadas pelo presidente da CBD, Mário Polo que os uruguaios estavam determinados a abandonar o jogo, na primeira oportunidade plausível que aparecesse. Assim, buscariam provocar os brasileiros ao máximo conseguindo uma expulsão de jogador ou jogadores do próprio time, e em seguida, se retirariam do campo em forma de protesto. Mr. Reader foi avisado desta conduta por Sir Stanley Rous, secretário da Football Association (FA)⁸ que falava em nome do presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), Jules Rimet.

Os brasileiros já tinham sido informados desta possibilidade e desde 1948 havia uma força-tarefa, já descrita anteriormente, criada para que o Brasil não repetisse os erros cometidos na Copa de 1938, que lhe custaram o caneco. Com isso, precisariam abandonar velhos costumes em prol de um bem maior: o primeiro título mundial da seleção brasileira. Se em 1938, Zezé Procópio agrediu um tcheco que já tinha sido expulso e Domingos cometeu um pênalti revidando a uma provocação, em 1950 não aconteceria o mesmo. A experiência de arbitragem europeia no Brasil era a dose de hibridismo cultural necessária para alertar os jogadores sobre sua conduta dentro de campo. Além disso, o juiz da partida final seria o próprio Mr. Reader, que tanto encheu os olhos da crônica esportiva com sua visão alternativa das regras futebolísticas. Contudo, de acordo com Mário Filho e a opinião pública da época a hibridização cultural que previam ser uma aliada dos brasileiros, acabou prejudicando a seleção e, principalmente um jogador em específico: Bigode.

⁸ Federação Inglesa de Futebol

O dia 16 de julho de 1950, provavelmente teve o maior público da história de uma partida de futebol, pois havia muito mais torcedores do que os 174 mil anunciados oficialmente. Diversos relatos de testemunhas mostram que vários torcedores conseguiram entrar nas dependências do estádio sem ingresso, o que resultaria em uma assistência de mais de 200 mil pessoas.

Inicialmente, Bigode estava levando vantagem, no seu duelo particular contra o ponta-direita uruguaio Gigghia. O meio-campista Obdúlio Varela ao ver que Gigghia não reagia, bateu no pescoço de Bigode, que não revidou por ter sido orientado para tal. Os jornalistas do The Guardian, Scott Murray e Rob Smyth escreveram no livro *And Gazza misses the final* (MURRAY e SMYTH, 2014) Rob a repercussão da final de 1950 e deste episódio nos jornais ingleses como o Manchester Guardian:

28 min: O TAPA DE OBDULIO!!! URUGUAY'S CAPTAIN THROWS HANDS!!! Bigode has been tussling with Ghiggia down the right, and struggling to contain him, it has to be said. He's nudging the willowy winger in the back. Varela and Jair join in the tussle as the ball flies out for a throw. Varela takes a step towards Bigode and reaches to pat his opponent on the head, as he often does in matches. This time, however, he gives Bigode a little cuff round the ear! Bigode - the literal translation is Moustache - bristles at this. He's shaken by Varela's slap, as are the crowd. The referee demands the two players embrace, which they reluctantly do. Obdúlio Varela struts off talking loudly to himself, pulling at the front of his light-blue shirt with his fist, every inch the victor of that little spat. Your sense he thinks he's put down some sort of marker and that the defender won't be so quick to foul Ghiggia again. Imagine being in Bigode's boots just there, with Varela - a man with biblical willpower and a face made of granite - approaching you, arm cocked, ready to clip you round the lug. Imagine the chill that would shoot down your spine.

(28 min: O TAPA DE OBDÚLIO!!! CAPITÃO URUGUAIO SOLTOU UM SOCO!!! Está sendo uma luta para Bigode as investidas de Ghiggia pela direita e ele está lutando para contê-lo, verdade seja dita. Ela está empurrando o ponta-direita pelas costas. Varela e Jair se juntam a disputa e a bola sai para lateral. Varela dá um passo em direção a Bigode e o atinge na cabeça, como costumeiramente fazia nas partidas. Desta vez, no entanto, ele dá em Bigode um pequeno tapa na orelha. Bigode – a tradução literal de Moustache [Bigode] – se indignou com aquilo. Ele está inconformado com a agressão de Varela, assim como os torcedores. O árbitro exige que os dois jogadores se abraçam, o que eles fazem relutantemente. Obdúlio Varela se engrandece falando alto para si mesmo, agitando a camisa celeste para o punho e cada cuspe dado naquele momento representava uma vitória. Sua sensação era de que tinha colocado o marcador psicologicamente para baixo e o defensor tão cedo não faria outra falta em Ghiggia. Imagine estar na pele de Bigode lá, com Varela – um homem de uma força bíblica e um rosto feito de granito – aproximando-se de você com o braço armado, pronto para pressioná-lo em volta da orelha. Imagine o frio que estremeceria sua espinha.)

Até os dias de hoje não se chegou a um consenso sobre a intensidade do gesto de Obdúlio Varela. Geneton Moraes (NETO, 2013) afirma ser impossível tal conclusão, pois cada testemunha conta uma versão diametralmente diferente. Max (GEHRINGER, 2014) remonta em *A grande história dos mundiais: 1950, 1954 e 1958* esta batalha de memória:

Em sua transmissão o locutor Pedro Luiz, mencionou que Obdúlio apenas passara a mão no ‘pescoço’ de Bigode e classificou a atitude como mera provocação. Pela Rádio Nacional, Antônio Cordeiro narrou que Obdúlio, ‘com aquela sua mania de dar tapinhas’ atingira Bigode no pescoço. Já o correspondente do Jornal La Vanguardia foi mais explícito ao descrever a agressão como ‘una bofetada em la nuca

A princípio, a provocação não surtiu efeito, pois Friaça aos 47 minutos do primeiro tempo abriu o placar para o Brasil: 1x0 nos uruguaios. Entretanto, toda aquela preocupação em seguir uma cartilha de posturas culturais diferentes das que vigoravam no sul do continente americano tiveram o efeito reverso. Bigode sentiu-se intimidado e nem mesmo o seu efetivo “bote de cobra” funcionava mais. Tanto que os dois gols da virada uruguaia por 2x1, saíram dos pés de Gigghia, que travava um duelo particular com Bigode no flanco esquerdo da defesa brasileira.

Quem assistia à partida ao vivo, estava boquiaberto com a inércia de Bigode em reagir a agressão. O defensor do Fluminense era conhecido como um dos jogadores mais violentos em atividade naquele momento. O assombro justifica-se se recorrermos a esta matéria do jornal *Diário da Noite* de 1948, intitulada *Decida o público: Ou Bigode é jogador limpo ou Mr. Reader não sabe apitar* sobre as características do defensor e os critérios usados pelo juiz inglês na partida entre Fluminense x Southampton:

O ‘assassino’ dos nossos gramados tão ‘marcado’ pelos nossos juízes, cometeu apenas um *foul*⁹ contra os ingleses! Na enquete que realizamos há pouco entre os jogadores da cidade (...) qual o jogador mais violento? Pedro Amorim disse que era Gérson, do Botafogo, um jogador do Olaria apontou Zizinho, mas o resto elegeram Bigode como o número um. Criada essa atmosfera, nem os juízes dela escaparam. Vimos muitas vezes Bigode ser advertido energicamente na primeira jogada dura, sofrendo a ameaça da expulsão. Correndo-se a lista das estatísticas, vemos que é infundável o número de pênaltis assinalados contra Bigode. Deu-se o reaparecimento de Bigode justamente contra os ingleses. (...) E que vimos? Uma atuação primorosa de Bigode. Uma atuação limpa e de alto rendimento. De sua conduta elogiosa, fala eloquentemente, o fato de ter praticado, durante toda a partida, apenas um *foul*, e um *foul* comum. (DIÁRIO DA NOITE, 19/05/1948)

⁹ Falta

A manchete era muito expressiva sobre o novo *modus operandi* esperado por um jogador brasileiro no pós-1938 e depois do contato com a arbitragem inglesa. Não poderíamos mais perder uma Copa do Mundo por provocações, por isso se um adversário o agredisse, o recomendado era dar o outro lado da face para que ele batesse. Entretanto, aquela era a essência de um defensor latino-americano como Bigode. Jogando mais com a emoção do que a razão. Talvez num amistoso contra um time da segunda divisão inglesa, como era o Southampton, não fizesse tanta diferença mudar um pouco seu estilo de jogo. Porém, relegar a Bigode sua característica principal em uma final da Copa do Mundo, contra o Uruguai, time que tinha essa cultura futebolística arraigada, acabou tendo o efeito contrário.

Para Mário Filho, o requisitado hibridismo e incorporação do jeito brasileiro de jogar futebol ao modo europeu de se apitar, prejudicou Bigode, fazendo o defensor se perder em campo, por tentar ter um estilo que nunca lhe foi peculiar. Assim, escreveu o artigo *A hora da compreensão de uma derrota* no Jornal dos Sports, em 1950:

Quando Obdúlio Varela agrediu Bigode, Mr. Reader não o expulsou de campo como não expulsaria Bigode, se Bigode fosse o agressor. O juiz inglês, e isso foi demonstrado largamente aqui pelas arbitragens inglesas, só expulsa em último caso. Dispõe-se sempre a perdoar, desde que julgue o perdão como uma maneira de colaborar para que o *match* termine bem com os vinte e dois jogadores. Uma expulsão, às vezes, em vez de serenar os ânimos, deturpa uma partida. Pois aparece como uma justificativa da derrota. A verdade, porém, é que Bigode não revidou certo de que seria expulso de campo. A tolerância de Mr. Reader não lhe deu coragem: atemorizou-o. Na hora de parar o avanço de Gigghia de qualquer maneira, Bigode teve medo de uma expulsão de campo, de um penalty e ficou inibido. (JORNAL DOS SPORTS, 23/07/1950)

Era como se o houvesse dois jogos diferentes a serem disputados de maneiras distintas: o jogo de futebol contra europeus e o jogo contra sul-americanos. O hibridismo cultural mostrou-se eficaz contra os europeus, vide que a seleção ficou invicta contra eles. Empate contra a Suíça e vitórias contra Iugoslávia, Suécia e Espanha, sendo as duas últimas goleadas acachapantes. Contudo, jogar contra sul-americanos era estar preparado contra “catimbas”, “ceras”, provocações, agressões, etc. Ignorar tudo isto e se tomar de uma maneira de jogo que nunca lhe foi comum, seria perder componentes que fizeram a diferença na questão psicológica do jogo. Vale ressaltar que não pretendo ser monocausal e imputar em um zagueiro a responsabilidade do resultado. Foi a mistura de todos os componentes: euforia da torcida, imprensa, jogadores e dirigentes; a adaptação de alguns jogadores a um estilo que nunca lhe foi característico por conta do hibridismo cultural na interpretação da regra e o mérito da seleção uruguaia, os responsáveis pela derrota.

O juiz George Reader também sofreu transformações no seu modo de mediar o jogo. A mescla da cultura europeia com a sul-americana produziu um Mr. Reader de 1950 diferente do George Reader de 1948. Quando chegou ao Brasil para apitar jogos amistosos enxergava os brasileiros com grande espírito esportivo e honestidade e aos poucos foi

entendendo suas malícias de jogo. O George Reader, árbitro da final da Copa do Mundo, já era outro. Embora notasse as agressões não poderia de forma impulsiva expulsar os jogadores de ambos os times, pois corria o risco do abandono de campo pelos uruguaios. Teve que ser conivente com algumas situações de jogo que não passariam despercebidas por ele em outra ocasião. Se em 1948, ficava indignado com a desfaçatez de jogadores que simulavam contusões e, em seguida, já se mostravam saudáveis, em 1950 via a falta, mas precisava levar o jogo na “manha”, com cautela, já que uma expulsão “estragaria a partida”.

As consequências do que muitos chamaram de acovardamento foram vistas nas competições seguintes. No Pan-Americano de 1952, aconteceu a revanche entre brasileiros e uruguaios. O jogo se encaminhava para o final e o Brasil vencia por 4x1, quando Nilton Santos percebeu um aceno do banco de reservas e deu um pontapé em Gigghia. O árbitro deu pênalti, que foi convertido pelo Uruguaí, diminuindo o placar para 4x2. Esta agressão de Nilton Santos simbolizava a mudança de postura esperada pelos aficionados para uma resposta a racionalidade e comedimento de 1950.

Outro fator relevante era o fato de Barbosa¹⁰ e Bigode serem negros. Em um país, recém saído do Estado Novo, com um forte componente racista de séculos não era incomum ouvir da opinião pública uma culpabilização do fracasso esportivo pela ótica racial. Sendo assim, naquele reencontro de 1952, Bigode e Ely do Amparo agrediram Obdúlio Varela como forma de compensar o que o primeiro sofreu na Copa do Mundo de 1950. Mais que isso, era uma maneira de esclarecer que os pretos não são covardes de apanhar sem revidar.

Com isso, uma máxima emergiu no futebol brasileiro da década de 50: “futebol é coisa pra homem” (FILHO, 2003. p. 300). Dita por Carlito Rocha, técnico do Botafogo indicava que depois de 1950 não haveria mais espaço para atletas que fugissem de provocações que terminassem em agressões. Em um espaço de quarenta anos, o futebol passava de “esporte de mulheres” para “coisa de homem”. As mulheres se sentiam mais confortáveis em clubes de futebol, pois os clubes de regatas eram estritamente restritos ao universo masculino. No começo do século XX, os remadores eram mais musculosos e comentavam que o futebol era um esporte delicado, praticado com diversos “saltinhos” (FILHO, 2003. p. 48-49). Os próprios jogadores de futebol passaram a praticar remo para ficarem mais fortes. A virilidade tão associada ao futebol dos dias de hoje, reduto de práticas machistas e homofóbicas, em outros tempos era questionada.

A necessidade de se mostrar viril era tão contundente no futebol brasileiro pós-1950 que abriu precedentes para situações extremamente inusitadas. Em 1952, Vasco da Gama e Portuguesa de Desportos disputavam a final do Torneio Rio-São Paulo. Após um desentendimento entre um jogador de cada equipe, os dois foram expulsos pela arbitragem e uma confusão se instaurou no campo. Entraram na discussão dentro das quatro linhas, o presidente da Portuguesa paulista, Augusto Isaías e o massagista do Vasco da Gama, Mário Américo. De forma intempestiva, Mário acertou um soco no dirigente da Lusa. Um ano depois, o mesmo presidente, ao invés de se sentir intimidado e escandalizado com a

¹⁰ Goleiro da final da Copa do Mundo de 1950

situação, viu aquele gesto como aquilo que precisava para a sua equipe, um componente com espírito de valentia. Ofereceu um salário alto à Mário Américo e o trouxe para Portuguesa (FILHO, 2003. p. 301).

Conclusão

Apesar dos ingleses terem sido os inventores do futebol, não praticavam o jogo mais encantador do mundo, visto que esse posto ficava com o Brasil, desde a Copa de 1938. Mesmo com o pioneirismo futebolístico e a supremacia político-econômica da Inglaterra sobre o Brasil, não significou um processo de imposição cultural vertical quando os dois grupos se encontraram em 1948, no Brasil. A chegada de Mr. Reader foi muito elogiada pela imprensa e muitos, como Mário Filho, o consideravam o melhor árbitro em atividade. Foi convidado para presidir o Conselho Arbitral do Rio de Janeiro e deu palestras para juízes paulistas e cariocas (DIÁRIO DA NOITE, 15-17 de maio de 1948). Porém, alguns dias depois do primeiro jogo apitado por George Reader, os jornais já questionavam o critério de apitar menos faltas do que o convencional, como vimos na matéria sobre o desempenho de Bigode contra os *Saints*.

Os jogadores interiorizaram alguns costumes europeus, mas também dissuadiram outros hábitos dos ingleses, como o jantar amistoso entre vencedores e vencidos após os jogos como exemplo de esportividade (FILHO, 2003. p. 67). Prática vinda dos ingleses que trouxeram o futebol para os clubes de São Paulo e Rio de Janeiro era quebrada no início do século XX pelas provocações entre jogadores e torcidas adversárias no Brasil que não dispensavam a oportunidade de fazer alguma pilhéria com a derrota do rival. Em alguns casos os atletas eram agredidos pela torcida adversária nos campos, vestiários ou bondes. O entendimento de Nestor Garcia Canclini sobre hibridização cultural dialoga com esta passagem, pois afirma ser o fim da divisão entre culturas popular e cultura erudita. As duas se aglutinando e fazendo um movimento duplo de agregar ou descartar as práticas culturais do grupo que está em contato.

A análise de Peter Burke sobre as diversas etapas do processo de hibridização cultural, que em sua opinião, não pode ser vista como algo singular e monofásico são identificadas em alguns trechos da passagem dos juízes ingleses no Brasil. A imitação de uma característica cultural de um povo por outro (brasileiros passaram a colocar números nas costas das camisas dos jogadores); a acomodação e negociação (a assimilação inicial em não cair em provocações, revidando agressões, mas após o episódio de 1950 ponderar se o revide não seria necessário contra alguns oponentes em específico) e a hibridização (Todos os árbitros ingleses que vieram ao Brasil em 1948, aos poucos vão se “sulamericanizando”. Inicialmente, não identificavam a catimba dos jogadores brasileiros e gradativamente se acostumam).

Após a efetivação dos processos de hibridização cultural, Burke menciona as consequências destas trocas entre grupos sociais distintos que vão desde a rejeição, até a adaptação ou aceitação. Pode-se concluir que os responsáveis pelo futebol brasileiro

(dirigentes, imprensa e jogadores) após os efeitos da fusão cultural rejeitaram o modelo inglês de interpretação das regras, que foi aceito e comemorado inicialmente. A missão de juízes ingleses no Campeonato Carioca não conseguiu nem apitar a final tamanha a insatisfação com o método de deixar o jogo “correr”, evitando ao máximo expulsões e a dificuldade de perceber a malícia dos atletas no Brasil. O espírito pacífico de não revidar a provocações, é um outro exemplo disto.

Entretanto, pode-se dizer que Mr. Reader teve como consequência aos processos de hibridização cultural, a adaptação. Burke aponta para as características deste tipo de reação:

Uma reação comum ao encontro com outra cultura, ou com itens de outra cultura, é a adaptação, ou empréstimo no varejo para incorporar as partes em uma estrutura tradicional. É o que o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss chamava de ‘bricolagem’. (...) A adaptação cultural pode ser analisada como um movimento duplo de des-contextualização ou re-contextualização, retirando um item de seu local original e modificando-o de forma a que se encaixe no seu novo ambiente. (BURKE, 2008. p.91)

As provocações e agressões dos jogadores uruguaios na final da Copa do Mundo visualizada pelo juiz inglês não sofreu a punição cabida, devido ao entendimento da estratégia uruguaia de conturbar o jogo em proporções grandiosas. O critério que usaria costumeiramente ganharia o efeito contrário do desejado, caso retirasse um dos jogadores celestes da partida. Por isso, a adaptação do inglês a cultura local.

Artigo recebido em 08 mar. 2018.

Aprovado para publicação em 16 mai. 2018.

Referências

Associação de Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro. O pênalti de Domingos em Piola. Disponível em: <http://www.acerj.com.br/o-penalti-de-domingos-em-piola>. Último acesso: 07

de março de 2018.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair na modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2011.

Depoimento de Domingos da Guia à Tv Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v= OctFzpL4w0>. Último acesso: 05 de março de 2018.

FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GEHRINGER, Max. *A grande história dos mundiais: 1950, 1954, 1958*. EGALAXIA, 2014.

HAMILTON, Aidan. *Divino Mestre*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

MURRAY, Scott & SMYTH, Rob. *And Gazza misses the final*. Inglaterra: Constable, 2014.

NETO, Geneton Moraes. *Dossiê 50*. Rio de Janeiro: Maquinaria Editora, 2013.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Domingos do Brasil: futebol, raça e nacionalidade na trajetória de um herói do Estado Novo*. Disponível em: <https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/viewFile/2229/1590>. Último acesso: 06 de março de 2018.

_____. *Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. 1ª edição. Nova Fronteira, 2000.

SILVA, K.V. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2006.

Jornais

Diário da Noite

Jornal dos Sports